

4

Os romances de Boaventura Cardoso

Autor de obras marcantes na literatura angolana atual, Boaventura Cardoso, cuja escrita dá-se a ver no período pós-independência, inscreve-se na história literária de seu país através da escrita de romances fundamentais para o processo de afirmação da literatura angolana. Em seus textos, os personagens são caracterizados pelos efeitos de uma história de lutas, de silenciamento e de violência, marcas do passado recente de Angola. Mais que isso, o autor apresenta-nos

não só a potencialidade de suas personagens por meio da descrição dos referidos modos de ser, mas também toma o campo específico da literatura como espaço de luta em que a prática social e o discurso ficcional emergem imbricados no desejo da transformação.¹¹⁹

O processo evolutivo da escrita do autor, cuja obra inaugural é um livro de contos – *Dizanga dia muenhu* –, pode ser assinalado, sobretudo, no que diz respeito aos temas abordados e à forma como os mesmos são trabalhados. Em entrevista concedida a Michel Laban em 1988, Boaventura Cardoso, ao comparar o último livro publicado na época – *A morte do velho Kipacaça* – aos trabalhos anteriores, observa a evolução temática que as obras sofreram, a inserção de elementos fantásticos na narrativa, bem como os vários níveis de linguagem utilizados nos romances. Ao comparar suas obras, o autor observa que a evolução de sua escrita ficcional envolve desde um maior conhecimento das estruturas narrativas até o amadurecimento da percepção e aprofundamento da análise da situação sócio-político-cultural que o cerca. Esse amadurecimento reflete-se não só nos temas, mas também na linguagem empregada em sua escrita, aspecto que o próprio autor aponta como uma das principais características de sua obra.

De acordo com a entrevista, a relação de Boaventura Cardoso com a questão lingüística do país tem início em 1964, quando o escritor, que a essa

¹¹⁹ VECCHIA, Rejane. “Entre passado, presente e futuro, o materno mar”. In: CHAVES, Rita; MACÊDO, Tânia; VECCHIA, Rejane (org.). *A Kinda e a Misanga: Encontros brasileiros com a literatura angolana*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Luanda, Angola: Nizla, 2007, p. 333-334.

altura ainda não era escritor, teve a oportunidade de ler *Luuanda*, de Luandino Vieira. A consciência do problema lingüístico do país é então despertada no jovem leitor que, em 1966, dá início a seus primeiros esboços literários.

Desde então, a relação de Boaventura Cardoso com a linguagem é profunda. A esse respeito, o autor explica:

Sabe, eu sinto um fascínio muito grande pela linguagem, embora temperamentalmente me considere uma pessoa reservada, de poucas falas em público. Considero-me antes um bom observador. Tenho sempre a preocupação de observar, de escutar muito as pessoas quando falam, esteja onde estiver. Muitas vezes posso não tomar parte de uma determinada discussão, mas como escritor, naquele momento, ter uma actividade mental bastante activa, porque estarei a fazer, nessa altura uma série de registos. [...] [s]ão várias as linguagens que nós utilizamos aqui, variadíssimas – acontece aqui em Angola como acontece em todo o lado, se tivermos em atenção o nível académico de formação das pessoas, o nível cultural, toda a herança cultural de que as pessoas são portadoras, as circunstâncias em que elas vivem, as ocupações que elas têm: tudo isso contribui para que as pessoas utilizem linguagens diferentes em diferentes ocasiões. É isso que me fascina, e procuro explorar no máximo essas nuances que a linguagem coloquial oferece.¹²⁰

Os dois romances abordados neste capítulo, *Maio*, *Mês de Maria* e *Mãe, Materno Mar*, são textos em que o autor trabalha as relações de poder existentes entre as camadas que compõem a sociedade. Através da denúncia de comportamentos que refletem a ambição sócio-política e econômica de grupos religiosos e outros grupos sociais beneficiados por essas relações de poder, o autor constrói duas narrativas que retratam a realidade social moderna angolana.

Como escreve Frantz Fanon, “a eventualidade de uma bandeira nacional, a possibilidade de uma nação independente, não lev[a]m automaticamente certas camadas da população a renunciar a seus privilégios ou a seus interesses”.¹²¹ Partindo daí, o autor aponta criticamente, através de seus personagens, os meios encontrados pelos gananciosos para manter a sua posição privilegiada após a independência. Por outro lado, o autor assinala a situação das camadas sociais que permanecem fora dessa esfera, acentuando sua situação precária, sem expectativas. A partir daí, a difícil convivência entre esses dois lados da

¹²⁰ CARDOSO, Boaventura. “Encontro com Boaventura Cardoso (21-04-1988)”. *Angola – Encontro com escritores*. Vol.2. LABAN, Michel (org.). Fundação Engenheiro Antônio de Almeida, p. 830-831.

¹²¹ FANON, Frantz. op. cit. p. 169-170.

sociedade, movida por interesses sócio-políticos e econômicos, é revelada, evidenciando, entre outras coisas, as diferenças sócio-culturais da sociedade.

Assim, o projeto ficcional de *Mãe, Materno Mar* tem como base um espaço marcado por diferenças sócio-culturais, a partir das quais o autor propõe uma reflexão sobre os referenciais angolanos, principalmente no que diz respeito aos rituais religiosos, tendo em vista o sincretismo religioso que caracteriza o país.

Em *Maio, Mês de Maria*, o autor evidencia os obstáculos encontrados pela sociedade para a construção da nova nação devido aos inúmeros conflitos internos que perturbam o país desde a independência. Se antes da independência as lutas tinham o objetivo de afastar o opressor, depois de 1975 a ganância pelo poder político-econômico da recém-libertada Angola, unida às diferenças sócio-culturais que se acentuam, são fatores que conduzem a nova nação a uma nova fase de lutas, em um novo contexto.

Por meio de alegorias dos acontecimentos recentes, o autor remete a um passado próximo do país, ao representar o clima de medo e de desconfiança resultantes da ostensiva repressão policial à tentativa de golpe de Estado por uma facção do MPLA em 27 de maio de 1977. Desse modo, segundo Inocência Mata, “nesse romance a evocação do passado, condicionada pela dinâmica pós-colonial (cujas constantes são o questionamento), investe na encenação do passado como ‘modelo de explicação’ do presente”.¹²²

As questões religiosas abordadas em *Maio, Mês de Maria* são ampliadas no romance *Mãe, Materno Mar*, publicado quatro anos mais tarde, em 2001, texto em que o autor enfatiza o crescimento do número de pregadores em busca de fiéis e a competição entre diferentes líderes religiosos que “insistem em ganhar o controle do povo e também ‘umas pedrinhas brilhantes’”.¹²³ A complexidade dos fenômenos religiosos em Angola pode explicar a atenção atribuída pelo autor ao tema. Segundo ele, existem “cerca de oitenta confissões religiosas reconhecidas

¹²² MATA, Inocência. “Maio, Mês de Maria: As águas da memória em movimento”. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia; MATA, Inocência (Org.) *Boaventura Cardoso, a escrita em processo*. São Paulo: Alameda, União dos Escritores Angolanos, 2005, p. 46.

¹²³ FONSECA, Maria Nazareth Soares da. “Processos narrativos e recriações languageiras na obra de Boaventura Cardoso”. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia; MATA, Inocência. *Boaventura Cardoso: a escrita em processo*. São Paulo: Alameda, 2005, p. 104.

oficialmente e mais de oitocentas que aguardam reconhecimento, mas que já estão a funcionar, o que permite dizer que em cada esquina haja um profeta...”¹²⁴

Assim, de acordo com Carmem Lúcia Tindó Ribeiro Secco, esse romance dá continuidade ao projeto ficcional de Boaventura Cardoso, que é

pautado por constante dialogismo entre História e tradições, por um olhar sempre crítico em relação ao contexto sociocultural angolano anterior e posterior à Independência, pela recuperação de valores africanos ancestrais, pela recriação lingüística de uma ‘fala angolanamente falada’, a qual, muitas vezes, ganha dimensão poética pela apurada elaboração estilística caracterizadora do discurso literário do escritor.¹²⁵

Em *Mãe Materno, Mar* é narrada a viagem de Manecas, de Malange até Luanda. Cercado por imprevistos, o comboio tem seu percurso interrompido diversas vezes, por extensos períodos de tempo. Nessas longas paradas, o personagem, que não conhece a tradição cultural de seu povo, vai entrar em contato com as raízes africanas. Cercado por situações e personagens que representam as tradições, as religiosidades, as práticas políticas da sociedade angolana atual, a viagem de Manecas “se converterá, portanto, em aprendizagem e travessia rumo às raízes africanas que tanto o colonialismo, como o marxismo ortodoxo dos primeiros tempos da independência não cultivaram e, muitas vezes, reprimiram”.¹²⁶

Desse modo, é possível perceber que, bem como a questão da religiosidade, outros aspectos das obras se articulam, o que proporciona um efetivo diálogo entre os romances à medida que o autor promove a ampliação dos temas e das significações do texto. Com uma visão crítica, o fanatismo político e religioso são o alvo de Boaventura Cardoso, que vaga entre ancestralidade e cultura colonial, fatos históricos, meios sociais, tradições, costumes e religiões, propondo, através da análise do comportamento da sociedade, uma representação crítica da realidade angolana no período pós-independência.

¹²⁴ CARDOSO, Boaventura. “Entrevista”. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia; MATA, Inocência (Org.) *Boaventura Cardoso, a escrita em processo*. op. cit. p. 26.

¹²⁵ SECCO, Carmem Lúcia Tindó Ribeiro. “Entre mar e terra: uma polifônica viagem pelo universo “mágico-religioso” de Angola”. *Prefácio*. In: CARDOSO, Boaventura. *Mãe, materno mar*. Porto: Campo das Letras, 2001, p. 12.

¹²⁶ *Ibid*, p. 16-17.

4.1

Língua, linguagem e tradição

Os obstáculos encontrados pela sociedade para a construção da nova nação após a independência são retratados no romance *Maio Mês de Maria*, que revela uma série de conflitos sociais e políticos que envolvem Angola desde 1975. Nesta obra, o autor promove a representação dos distúrbios sociais no país no “momento político de ruptura da solidez ideológica do Movimento Popular para Libertação de Angola, representado pelo fraccionismo do 27 de Maio de 1977”,¹²⁷ o que dificulta consideravelmente o entendimento e a harmonia internas da sociedade angolana, tornando mais frágil e delicado o convívio entre os diferentes setores da sociedade

Desse modo, o projeto de fundação da nova nação apresenta-se fragilizado por questões de teor sócio-cultural que resultam muitas vezes em ações violentas, através de ataques físicos, seqüestros e lutas, que contribuem ainda mais para o distanciamento da necessária unidade nacional.

No romance em questão, o autor aborda a afirmação da identidade nacional, tendo como base a revalorização dos costumes, tradições e valores nacionais. Nesse contexto, a língua e a linguagem ocupam espaço privilegiado na narrativa, que objetiva realizar uma “recriação estética de traços advindos da oralidade que, transcrita ficcionalmente, dramatiza modos de dizer e viver tipicamente angolanos”.¹²⁸

O autor, no entanto, não se detém à mera exploração dos recursos relativos à linguagem e à língua em seu texto. O trabalho de recriação, mais que puro labor estético, procura evidenciar realidades nacionais, principalmente aquelas relacionadas à tradição. Desse modo, linguagem e tradição mostram-se elementos indissociáveis para o autor, que afirma que a “a tradição entra no texto enquanto forma e não apenas como tema”.¹²⁹

¹²⁷ PADILHA, Laura Cavalcante. *Novos pactos, outras ficções: ensaios sobre literaturas afro-luso-brasileiras*. op. cit., p. 64-65.

¹²⁸ SECCO, Carmem Lúcia Tindó Ribeiro. “A alquimia do verbo e a reinvenção do sagrado”. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia; MATA, Inocência. *Boaventura Cardoso: a escrita em processo*. São Paulo: Alameda, 2005, p. 107.

¹²⁹ CARDOSO, Boaventura. “Entrevista”. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia; MATA, Inocência (Org.) op. cit. p. 31.

Em diversas passagens do texto, a preocupação com os procedimentos lingüísticos adotados e seus efeitos revela-se nas falas dos personagens, que são cuidadosamente construídas pelo autor. O resgate e revitalização da tradição oral na escrita, bem como a introdução de termos, principalmente do quimbundo – que também sofrem transformações morfológicas e sintáticas – e a utilização de expressões recriadas que se aproximam do modo de falar do povo são recursos estilísticos que remetem o leitor a outras reflexões relacionadas à tensão entre tradição e modernidade.

A relação da tradição africana com a modernidade é um assunto que merece atenção porque diz respeito a um choque que põe em risco de dissolução e de marginalização os valores comunitários de uma sociedade. Um desses valores diz respeito à tradição dos *griots*, que são os mais-velhos transmissores de conhecimentos e contadores de estórias da tradição africana oral. Segundo Nsang O’Khan Kabwasa,

nota-se cada vez mais entre os jovens uma tendência a levar em conta apenas o nível de instrução dos mais velhos. Essa erosão dos valores comunitários, ligada principalmente à evolução dos valores individualistas da vida urbana, aumenta os riscos já grandes da marginalização.¹³⁰

O trabalho em torno da linguagem, portanto, ao promover o resgate dos valores tradicionais relacionados à oralidade, desperta a consciência da sociedade para o papel que a tradição desempenha no processo de afirmação da identidade do país.

Em *Maio, Mês de Maria*, a coloquialidade do texto oral é transplantada para a escrita através da construção de personagens que representam o povo, bem como suas formas de se expressar. Desse modo, a utilização de interrogações, de exclamações e de interjeições típicas da oralidade é recorrente no texto.

Além disso, a polifonia constituída pelo entrelaçamento das vozes do narrador com sua própria voz e com as vozes dos personagens resulta numa

¹³⁰ KABWASA, Nsang O’Khan. “O eterno retorno”. In: *O Correio da Unesco*. Rio de Janeiro, n.12: p.14-15, ano 10, dez. 1982, p. 14.

“encenação tumultuosa dos diálogos, em que o narrador dialoga quase sistematicamente consigo mesmo”.¹³¹:

agora sô Fortes que fala, fala mba kota Fortes!, estes cães são como os que a Alemanha usou na segunda guerra mundial, altamente perigosos, podem sim senhor actuar sozinhos, já ouviste que sô Fortes falou?!, mas então porque é que o nosso Bairro é o único que estão lhe atacar?, isso é que todo mudo quer saber, eu repito pá, isto só pode ser praga dos céus, qual praga, qual quê me? [...] Eh! Era preciso deixar as águas correr e depois se ver vendo.¹³²

Neste trecho, além da utilização de marcadores da oralidade, como exclamações e interjeições, observa-se a presença de outros recursos que remetem à fala popular, como recriações sintáticas diferenciadas da norma culta – *ver vendo* – e, ainda, a utilização de expressões de outras línguas africanas, como *mba kota*, termo originário do quimbundo.

A inserção de nomes próprios e de palavras originárias de outras regiões culturais e de outras línguas, que não do português, remetem à tradição à medida que estes nomes, no contexto em que são apresentados, integram histórias que dizem respeito aos antepassados dos personagens:

este nome de Tchinhama me deram com ele no meu bisavô recuado, meu xará, que foi príncipe lunda e foi no sul da Zâmbia e fundou chefaturas lwuenas e fez com amizades com os mbwela-nkoya [...].¹³³

Em *Mãe, Materno Mar*, na representação da fala coloquial, é possível verificar a associação do uso de interjeições à repetição de termos numa mesma fala, o que também reforça o trabalho de recriação do autor, que resulta em uma narrativa oralizada:

o que eu queria saber, *compadre*, era a cor da pele dele, o *compadre* compreende né, fulinha como é a minha filhinha, e com os estudos que tem não gostaria que ela se casasse com um preto retinto, para preto já basto eu, *compadre*, esteja descansado, *compadre*, os Garridos são mulatos, *compadre*..., também não era isso o que eu esperava, *compadre*, então?, *compadre*, o que é que o *compadre* esperava?, um branco, não *compadre*?..., o *compadre* já percebeu né?, não acha o *compadre* que a minha filhinha, fulinha como é merece um branco, *compadre*,

¹³¹ MACEDO, Jorge. “Compromisso com a língua literária angolizada na escrita de Boaventura Cardoso”. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia; MATA, Inocência (Org.) *Boaventura Cardoso, a escrita em processo*. São Paulo: Alameda, União dos Escritores Angolanos, 2005, p. 49.

¹³² CARDOSO, Boaventura. *Maio, mês de Maria*. 1ª Ed. Porto: Campo das letras, 1997, 83.

¹³³ *Ibid.*, 98.

não acha?, oh *compadre*, os tempos mudaram, *compadre*!, não estamos mais na época colonial, *compadre*!, eu acho que a nossa filha ficará bem casada se se casar com um Garrido da Costa, *compadre*!¹³⁴

As recriações lingüísticas elaboradas pelo autor “que não renega nem recusa Luandino, nem Guimarães Rosa do outro lado do mar”,¹³⁵ assim como a epígrafe¹³⁶ que introduz o romance *Mãe, Materno Mar*, “deixa entrever [...] no romance de Boaventura Cardoso o gosto pela oratura, a opção pelo trabalho de recriação da fala e dos ditos populares”.¹³⁷

A criação e a introdução de personagens populares e de seus modos de falar no romance resgatam aspectos da tradição relativos aos ditos populares que a constituem. Segundo Carmem Lúcia Ribeiro Secco, os ditados e as máximas proverbiais eram numerosos entre diversos povos da África e constituem um dos modos africanos de pensar:

[...] os provérbios não são obras secundárias e, além disso, revelam-se como sendo belos ‘resumos’ de longas e amadurecidas reflexões, resultado de experiências mil vezes confirmadas.¹³⁸

Através do personagem Ti Lucas, o ceguinho, provérbios da tradição oral africana são resgatados, oferecendo ao romance “o tom da oratura angolana”:¹³⁹ “A panela coze com um fogo só ou com o tempo?”¹⁴⁰ / “A água é olho que vê tudo.”¹⁴¹

Assim, acima da divisão social estabelecida pelos vagões/classes do comboio que transporta viajantes de Malange a Luanda, das competições religiosas entre os líderes religiosos e dos interesses pessoais das altas

¹³⁴ Ibid., p. 129.

¹³⁵ ANDRADE, Fernando Costa. “Entre a voz do fogo e o eco materno do mar: antigos capilares da terra”. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia; MATA, Inocência (Org.) *Boaventura Cardoso, a escrita em processo*. São Paulo: Alameda, União dos Escritores Angolanos, 2005, p. 62.

¹³⁶ Epígrafe: “O dormir do peixe é a água que se descuida”, de João Guimarães Rosa – À portada do romance *Mãe, Materno Mar*.

¹³⁷ SECCO, Carmem Lúcia Tindó Ribeiro. “Entre mar e terra: uma polifônica viagem pelo universo “mágico-religioso” de Angola”. Prefácio. In: CARDOSO, Boaventura. *Mãe, materno mar*. Porto: Campo das Letras, 2001, p. 17.

¹³⁸ SECCO, Carmem Lúcia Tindó Ribeiro. “A arte de magicar”. In: *A Magia das letras africanas*. RJ: abe graph Editora, 2003, p.11. AGUESSY, Hanorat. “Visões e percepções tradicionais” In: *Introdução à cultura africana*. p. 118. apud

¹³⁹ SECCO, Carmem Lúcia Tindó Ribeiro. “A alquimia do verbo e a reinvenção do sagrado”. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia; MATA, Inocência. *Boaventura Cardoso: a escrita em processo*. São Paulo: Alameda, 2005, p. 120.

¹⁴⁰ CARDOSO, Boaventura. *Mãe, materno mar*. op. cit. p. 121.

¹⁴¹ Ibid. p. 126.

individualidades que também ocupam o trem, encontra-se Ti Lucas, representante da tradição, respeitado por todos, a voz da sabedoria ancestral africana, cujas falas geralmente remetem aos seus ancestrais:

Diziam os antepassados que numa querela não se separa o homem que está deitado do que está de pé, isto é, no meio da confusão não se distingue que tem razão e quem não a tem.¹⁴²

Nas referências culturais de Ti Lucas figuram personagens e histórias da tradição africana. Assim, através do personagem, o autor promove o resgate da cultura tradicional a fim de proporcionar um choque entre a tradição e a modernidade, representada por Manecas, que nascido após a independência não conhece e, em princípio, não se interessa por conhecer as tradições africanas.

Caracterizado também por sua mobilidade entre os vagões, Ti Lucas, ao representar a tradição, ocupa o espaço reservado a esta na sociedade moderna angolana:

Quem que não tinha lugar fixo, único, era Ti Lucas, o ceguinho, precisava?, andava de carruagem em carruagem, a cantar e a contar as histórias dele, respeitado por todos, quando lhe vissem lhe ofereciam lugar.¹⁴³

Apesar de ser respeitado pelos demais passageiros do comboio, o velhinho não tem lugar fixo no trem, ou seja, vaga de um lado para o outro, quase sempre despercebido, fazendo-se ouvir quando solicitado. Ti Lucas acaba por encontrar em Manecas um espaço para resgatar suas memórias e contar suas histórias.

Sob essa perspectiva, o personagem Ti Lucas pode ser entendido como uma alegoria do espaço reservado à tradição na sociedade moderna. Deslocada na atual sociedade angolana, por ter sido desvalorizada e reprimida durante muitos séculos, encontra na escrita um espaço de renascimento, revalorização e recriação.

Através da criação de personagens como Ti Lucas e Manecas, cuja viagem se converte em aprendizagem¹⁴⁴, surge um espaço de reflexão sobre a possibilidade de complementaridade entre tradição e modernidade na atual sociedade angolana:

¹⁴² CARDOSO, Boaventura. *Mãe, materno mar*. Porto: Campo das Letras, 2001, p. 55.

¹⁴³ Ibid. p. 116.

¹⁴⁴ SECCO, Carmem Lúcia Tindó Ribeiro. “Entre mar e terra: uma polifônica viagem pelo universo “mágico-religioso” de Angola”, op. cit, p. 16.

Manecas, quando havia de ver o mar?, também não estava perceber o porquê se estava perder tanto tempo com um assunto que lhe parecia tão simples de resolver, que ele nunca tinha entendido nem se preocupado com as populares tradições. Para quê? Valia a pena num mundo assim cada vez mais modernizado?¹⁴⁵

Os mais-velhos queriam ocupar todo o tempo do serão a contar histórias do antigamente que não despertavam nenhum interesse nos jovens. Estes queriam dançar ao som da aparelhagem musical, apesar de considerarem a selecção musical muito desactualizada.¹⁴⁶

No decorrer do texto, o personagem Manecas inicia sua jornada de aprendizagem, à medida que seu interesse pelo conhecimento das tradições e das histórias africanas é despertado através da constatação da existência de diferenças de costumes, falares e gestos entre os passageiros do comboio, pessoas que compõem o trem e também o país, isto é, a pluralidade cultural do país torna-se assunto de interesse do jovem Manecas, representante da juventude da nação que, conforme a afirmação de Nsang O'Khan Kabwasa, tende a marginalizar os valores tradicionais.

Tendo em vista o estabelecimento da alegoria como traço estilístico da escrita do autor, cabe ressaltar brevemente o modo como este recurso discursivo é apreendido e aplicado nos romances em questão de modo que se configure como um recurso que também resulte na possibilidade de resistência na escrita.

Assim como a língua e a linguagem estão sujeitas à renovação, a alegoria também sofre alterações em relação à sua definição e à sua utilização usual, a fim de otimizar sua funcionalidade no texto. Geralmente, a alegoria representa uma coisa para dar a idéia de outra. Assim, aplicada à ficção moderna de Boaventura Cardoso, a definição base é mantida. No entanto, não é acompanhada pela associação a uma lição de moral convencional, o que para Francisco Soares¹⁴⁷, aponta para a ruptura com a estrutura da alegoria de exemplos óbvios e dirigidos, anunciando, assim, uma releitura desse recurso que, ao misturar-se com recursos de outros gêneros¹⁴⁸, promove a ocultação da mensagem, como observado no seguinte trecho do romance *Maio, Mês de Maria*:

¹⁴⁵ CARDOSO, Boaventura. *Mãe, materno mar*, op. cit, p. 52.

¹⁴⁶ Ibid., p. 193.

¹⁴⁷ SOARES, Francisco. "A inquietação das águas". In: In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia; MATA, Inocência (Org.) *Boaventura Cardoso, a escrita em processo*, op. cit, p. 144.

¹⁴⁸ Outros gêneros, como o fantástico, no romance *Maio, Mês de Maria*, por exemplo.

os cães vinham às centenas, se aproximando [...] De repente, quando que os cães estavam próximo dos quatro homens, a Santa falou assim: VINDE EM PAZ! Que ela falou altissonante! Eh! Eh! Eh! Todo mundo ouviu a Santa falar aquelas santas palavras. Que aconteceu depois foi o extraordinário. Cães começaram estavam se transformar em homens, bons cristãos; corpos jazidos no asfalto estavam se movimentar sozinhos [...] milagre! milagre! milagre!, Nossa Senhora de Fátima ouviu as nossas preces!, os jovens do Bairro reapareceram!, os nosso filhos estão aqui!, obrigado, Virgem Maria!¹⁴⁹

Além disso, a alegoria, de acordo com Jurema José de Oliveira, tende a ser a “linguagem da subversão, pois aponta para a mudança da ordem estabelecida e corresponde ao afloramento do reprimido na história”.¹⁵⁰ Nesse caso, pode-se citar como exemplo o personagem Ti Lucas, referido anteriormente, que compõe o romance *Mãe, Materno Mar*. Desse modo, verifica-se que a associação da renovação lingüística com outros recursos que a linguagem oferece resulta em mais uma forma de apreender a linguagem como espaço de resistência.

Nesse sentido, vale resgatar mais uma vez uma fala de Jurema José de Oliveira que afirma que

o objeto alegórico funciona como um índice da história que poderia ter sido, mas não foi. Ele efetiva, de fato, uma distância entre o significante e o significado, pois se refere a outra coisa numa alusão pluralista. Logo, Boaventura Cardoso faz associações de idéias que só tem significação no contexto estudado.¹⁵¹

Partido dessa afirmação é possível verificar que os referenciais históricos sobre os quais o autor lança mão para a construção de suas narrativas são peças fundamentais para escrita de um romance que quer denunciar e configurar a literatura como um espaço resistência. Por outro lado, as referências a acontecimentos do passado recente através das alegorias exige do leitor certo conhecimento do contexto histórico angolano, para uma leitura mais aprofundada do romance.

O espaço reservado às referências históricas nos romances pode ser ressaltado em vários episódios. No romance *Mãe, Materno Mar*, por exemplo, a memória evocada por Ti Lucas resgata experiências de sua vida, que se mesclam a

¹⁴⁹ CARDOSO, Boaventura. *Maio, mês de Maria*. op. cit., p. 227-228-229.

¹⁵⁰ OLIVEIRA, Jurema José de. “Violência, Denúncia e Resistência em Boaventura Cardoso”. In: *África & Brasil : letras em laços*. São Paulo, Yendis Editora: 2006, p. 77-78.

¹⁵¹ Ibid. p. 78.

acontecimentos históricos do país. Assim, os personagens Manecas e Ti Lucas dialogam sobre as circunstâncias em que este perdeu a vista e, conseqüentemente, sobre a vida dura de seus pais e sua longa jornada de trabalho desde os 12 anos de idade. Nascido em 1917, conta que viveu em barracas instaladas ao longo da via férrea para os operários indígenas e suas famílias, que trabalhou para as Brigadas de Salazar e nas Novas Oficinas dos Caminhos-de-Ferro de Angola, ocasião em que se acidentou e ficou cego. Além disso,

[...] ele falou ainda da sua prisão em sessenta e um, tinha sido denunciado por um colega que era bufo da PIDE, mas recusou falar dos poderes que tinha para ver o fogo debaixo das cinzas. A galinha só põe ovos quando ninguém olha para ela.¹⁵²

Na evocação do passado é possível observar aspectos do resgate da tradição nos âmbitos temático e lingüístico: observa-se a tensão entre tradição e modernidade, que começa a se diluir, à medida que Manecas, antes desinteressado pela história e pela tradição, inicia sua viagem de aprendizagem com o mais-velho Ti Lucas; e também se observa a finalização do diálogo entre os personagens, que é feita com um provérbio, símbolo tradicional africano da oralidade, que pontua com uma lição de moral o período anterior, relativo ao comportamento de Ti Lucas frente à PIDE.

Percebe-se que o teor político da escrita do autor revela-se também através das denúncias da exploração da mão-de-obra camponesa, das condições precárias das instalações e de trabalho dos operários, da fiscalização através de espões delatores que trabalhavam para a PIDE, ou seja, denuncia a repressão que dominou o país por tanto tempo.

Ainda no contexto da tradição, outro elemento resgatado pelo autor é a gestualidade. Os gestos, recursos visuais que enfatizam aspectos do texto oral, são transplantados para o texto escrito, assinalando mais uma forma de recriar e revitalizar a oralidade na escrita. Tanto a palavra falada, quanto a palavra escrita, podem contar com recursos visuais, como a gestualidade, a fim de ressaltar determinados pontos da história narrada. Como afirma Geneviève Calame-Griaule,

¹⁵² CARDOSO, Boaventura. *Mãe, materno mar*, op. cit, p. 134.

os gestos acompanham, realçam e enfatizam o que é dito. [...] No caso do relato oral, os gestos exercem uma função de dramatização (no sentido etimológico do termo) muito apreciada pelos ouvintes. Às vezes substituem por completo a expressão verbal [...].¹⁵³

Os gestos, como recursos de comunicação, ao serem transportados da oralidade para a escrita, como observado no texto de Boaventura Cardoso, apresentam-se de modo que a utilização de uma palavra faça com que o leitor imagine ou visualize o gesto executado pelo personagem, numa relação de complementariedade entre o texto escrito e o gesto, como observado no seguinte trecho do romance *Maio, Mês de Maria*:

Ia pela frente, caladinho, e às perguntas dos dois viajantes respondia com um encolher de ombros, um simples meneio de cabeça, assim, ou indicava com mão dele uma direcção qualquer, o vago infinito.¹⁵⁴

O vocábulo *assim* oferece um teor visual ao trecho à medida que reforça os gestos exercidos pelo personagem, com a cabeça e ombros. A utilização do vocábulo *assim*, associado ao resto da oração, além de indicar a execução de um gesto, reforça a idéia de indiferença, de homem de poucas palavras, que caracteriza o personagem, tornando desnecessária qualquer descrição mais detalhada da personalidade do personagem e do gesto executado, uma vez que o leitor pode imaginá-lo, especialmente por tratar-se de um movimento comum, cujas significações estão presentes no imaginário cotidiano do leitor.

Através da adaptação da gestualidade ao texto escrito, o autor evidencia mais uma forma de efetivar a transposição de aspectos da oralidade, reinventados e remodelados, ao seu texto, no qual

o dom de ouvir, de ver, sentir, de relatar, de operar com diversas vozes dentro da narrativa, de lidar criativamente com inusitadas conotações de palavras, frases, provérbios possibilita a realização de uma polifonia discursiva [...]¹⁵⁵

¹⁵³ CALAME-GRIAULE, Geneviève. “Gestual e palavras”. In: HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. “Palavra Africana”. In: *O Correio da Unesco*. Paris, Rio, ano 21, nº 11, nov. 1993, p. 19.

¹⁵⁴ CARDOSO, Boaventura. *Maio, mês de Maria*. op. cit. p. 193.

¹⁵⁵ SECCO, Carmem Lúcia Tindó Ribeiro. “Entre mar e terra: uma polifônica viagem pelo universo “mágico-religioso” de Angola”. Prefácio. In: CARDOSO, Boaventura. *Mãe, materno mar*. op. cit., p. 12.

Tendo em vista o exposto, é possível perceber que o teor político da escrita do autor se manifesta no plano da linguagem a partir do momento em que, através da fala dos personagens, constrói-se um universo lingüístico complexo, parte integrante de um projeto político-cultural que reflete a afirmação da identidade angolana. Manifesta-se também no plano temático, ao colocar trazer à tona questões relativas à modernidade e à tradição, ao criar personagens caracterizados pela experiência na época colonial.

Nesse sentido, como afirma Carmem Lúcia Ribeiro Secco no que concerne à poesia, mas que se encaixa perfeitamente à prosa de Boaventura Cardoso,

mesmo quando [se] aborda o tema do desencanto social, existe sempre um fascínio, que se traduz ora pela reinvenção da narratividade oral, ora pela lucidez de desvelar outras versões da História, ora pelo sopro e pelo canto [...] que arrepiam e subvertem a derme da linguagem.¹⁵⁶

A partir das características da escrita autor, é possível perceber também que os romances *Maio*, *Mês de Maria* e *Mãe, Materno Mar* revelam influências de Luandino Vieira e de Guimarães Rosa, principalmente no que se refere à problemática da língua e da linguagem.

De acordo com Abdala Junior, a indefinição de fronteiras dos campos significacionais é um dos fatores de atualidade do texto, uma das questões freqüentemente levantadas por Boaventura Cardoso, que diz que a atualidade reside na forma como a história é contada. Nesse sentido, Abdala afirma que no romance *Maio, Mês de Maria*, a visão contemporânea do autor que busca novas significações, para fora do contexto angolano, aponta para o diálogo que existe

não apenas com a série da literatura angolana, em que desponta Luandino Vieira, mas também com aquelas provenientes de um olhar atlântico do escritor: o realismo mágico ou fantástico dos escritores hispano-americanos e também brasileiros, além, é evidente, do trabalho sobre o registro lingüístico de um Guimarães Rosa.¹⁵⁷

Assim, tendo em vista o trabalho de recriação lingüística efetuado pelo autor, que se associa ao resgate das tradições africanas e que representa modos de

¹⁵⁶ SECCO, Carmem Lúcia Tindó Ribeiro. “A arte de magicar”. In: *A magia das letras africanas*. RJ: op. cit., p. 15.

¹⁵⁷ ABDALA Jr, Benjamin. “Códigos e *habitus* culturais: a dinâmica do diverso”. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia; MATA, Inocência (Org.) *Boaventura Cardoso, a escrita em processo*, op. cit, p. 227.

falar populares dos centros urbanos e de outras regiões culturais, observa-se que a permanente e crescente busca pela afirmação nacional e pelo restabelecimento sócio-político-cultural da nação tem como base a mistura proporcionada pelo contato do país com outras nações, como o Brasil e os países hispano-americanos, cujo passado histórico se entrecruza no que diz respeito ao processo colonial.

Dentro desse projeto sócio-político-cultural que visa à afirmação da identidade angolana, “um processo em curso”¹⁵⁸, há de se levar em consideração o diálogo permanente entre a literatura, a política e a sociedade brasileira e angolana:

Uma das muitas pontes de diálogo surgiu em Florianópolis em 1948, com o lançamento da revista *Sul*. Editada por jovens e voltada para temas artísticos, a revista passou a incluir como colaboradores portugueses e angolanos que tinham dificuldade de publicar em seus países por causa da ditadura de António Salazar (1933-1974). Do lado de cá do Atlântico, o momento era de democracia, depois da longa Era Vargas (1930-1945). A produção acadêmica e intelectual aproveitava-se do ambiente mais arejado para explorar o pensamento das várias esquerdas. Prato cheio para orientar os anseios de independência dos nossos coirmãos africanos – afinal, falávamos a mesma língua, seja no sentido literal, seja no figurado, pela afinidade entre colônia e ex-colônia do Império português.¹⁵⁹

De acordo com Rita Chaves, a projeção do Brasil na formação do pensamento nacionalista de países como Angola, Cabo Verde e Moçambique principalmente através da literatura, mas não só, fez com que a cultura brasileira desempenhasse

um forte papel do processo de conscientização de muitos setores da intelectualidade africana, fornecendo parâmetros que se contrapunham ao modelo lusitano. Ex-colônia portuguesa, liberta desde as primeiras décadas do século XIX, o país, cujo desenvolvimento havia contado com tantos africanos, oferecia-se como uma referência importante no debate sobre as mudanças a serem implementadas nos vários territórios ocupados por Portugal.¹⁶⁰

Verifica-se, assim, a existência de um antigo diálogo entre os países, tanto no âmbito sócio-político, o que possibilitou a participação de grupos brasileiros

¹⁵⁸ CHAVES, Rita. “O Brasil na cena literária dos países africanos de língua portuguesa”. In: *Angola e Moçambique – Experiência Colonial e Territórios Literários*. op. cit., p. 285.

¹⁵⁹ BITTENCOURT, Marcelo. “Conexão Brasil”. In: *Angola é aqui: nossa história africana*. (Revista de história da Biblioteca Nacional). Ano 4, nº 39, dezembro de 2008, op. cit. p. 27.

¹⁶⁰ CHAVES, Rita. “O Brasil na cena literária dos países africanos de língua portuguesa”, op. cit., p. 276.

como o Movimento Afro-Brasileiro de Libertação de Angola, o Mabla, criado em meados da década de 60, nas manifestações a favor da independência angolana¹⁶¹, quanto no âmbito cultural, com a abertura do espaço literário brasileiro a escritores angolanos, o intercâmbio de obras de escritores brasileiro a terras africanas e vice-versa e as conseqüentes influências na escrita dos autores do país.

É, portanto, de se esperar, tendo em vista o histórico sócio-político-cultural desses países, que a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, com o devido empenho das nações que a constituem, entre eles, Brasil e Angola, dê continuidade às relações cultivadas entre esses países, visando o fortalecimento dessas relações como um dos desafios impostos pelo presente.

4.2

Sociedade e poder

Luandino Vieira assim define o romance *Maio, Mês de Maria*: “romance quase intolerável este, da morte de uma camada social germinada contra natura pelo sistema colonial e incapaz, agora, de se afirmar na independência”.¹⁶²

Nesse contexto desenvolve-se a história de João Segunda e de sua família, que numa viagem de Dala Kaxibo, a terra natal, até Luanda, vêem suas vidas transformarem-se drasticamente, nos âmbitos sócio-político, econômico e cultural. Partindo daí, o autor retrata criticamente a realidade social angolana e as relações de poder que configuraram o turbulento período pós-independência, período marcado por intensas guerras civis que dilaceraram ainda mais a infra-estrutura do país, dificultando o desenvolvimento sócio-econômico na nova nação.

Em *Maio, Mês de Maria* alguns extratos da sociedade angolana pós-independência são representados, evidenciando a hierarquização social e as relações de poder aí implicadas. Através das características atribuídas aos personagens João Segunda, negro assimilado; Hermínio, dotado de consciência nacional, e camarada Comandante, ex-combatente e atual oportunista, o autor

¹⁶¹ BITTENCOURT, Marcelo. “Conexão Brasil”, op. cit. p. 28.

¹⁶² VIEIRA, Luandino. “Nota de Censura Póstuma”. In: *Maio, Mês de Maria*. (romance). 1ª Ed. Porto: Campo das letras, 1997, p.10.

delineia alguns dos efeitos da colonização, que se refletem no comportamento dos personagens frente à sociedade.

Por meio de breves incursões ao passado, o comportamento social de João Segunda pode ser compreendido, tendo em vista a vivência do personagem nos dois momentos da história angolana. Assim, é possível estabelecer as diferenças entre o período anterior e posterior à independência, bem como os reflexos das transformações do país em seu comportamento.

Dentre os males provocados pela colonização, pode-se ressaltar a assimilação cultural como um aspecto trabalhado pelo autor nos dois romances, mas em maior escala em *Maio, Mês de Maria*, através da construção do personagem João Segunda, que representa, socialmente, o assimilado rico, dono de terras, que procura aproximar-se do colonizador, tanto na fala como no comportamento, a fim de obter respeito da alta sociedade da região – a cidade de Dala Kaxibo –, e não ser considerado apenas um qualquer:

Tinha anos João Segunda não ia à missa. Tinham lhe batizado e feito primeira comunhão na igreja. Mas, quando já adulto, teve de romper com a igreja por razão e sentido de força maior. Segunda, apesar de muito conhecido em Dala Kaxibo, de freqüentar as festas todas da localidade, de manter cordial bondoso relacionamento com as autoridades, João Segunda um dia, devoto fervoroso, quis se sentar à mesa de Cristo para receber a hóstia sagrada. O padre, um capelão, tinha pouco tempo chegado a Dala Kaxibo, se recusou a lhe dar sacramento porque, que explicou mais tarde, *não era aquele o momento para os pretos comungarem*. Que João Segunda, profundamente atingido no orgulho dele, saiu da igreja e jurou nunca mais voltar lá! Sô Administrador quando soube do caso lhe mandou emissário lhe apresentar desculpas, tinha sido um engano, ele, *preto fino*, tinha sido confundido com um *preto da sanzala*¹⁶³.

No entanto, por maior que fosse o seu empenho no cultivo de boas amizades na cidade, região interiorana de Angola, e por mais que fosse aceito, o nome do personagem sugere, de acordo com reflexão de Abdala Junior, que Segunda “era considerado nesses tempos um cidadão de segunda”.¹⁶⁴ Nas palavras de Pires Laranjeira, João Segunda é, portanto, “um personagem com o complexo de superioridade em relação aos pretos pouco assimilados à cultura de

¹⁶³ CARDOSO, Boaventura. *Maio, mês de Maria*. op. cit., p. 15-16.

¹⁶⁴ ABDALA Jr, Benjamin. “Códigos e habitus culturais: a dinâmica do diverso”. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia; MATA, Inocência (Org.) *Boaventura Cardoso, a escrita em processo*. Op. cit, p. 220.

origem européia, ingênuo e/ou aproveitador quanto ao contexto político e histórico [...]”.¹⁶⁵

Ao procurar se aproximar das autoridades e das altas individualidades, o personagem adquire privilégios e regalias na região, além da distinção social tão desejada pelo assimilado. É uma conveniência que promove a entrada de João Segunda “nesse mundo de compromissos e lealdades que o levam à inserção no meio e à apreciação pelos concidadãos[...]”¹⁶⁶.

As autoridades, por sua vez, ao permitirem a entrada de João Segunda em seu círculo social, têm um troféu em mãos, que além de assinalar a inexistência do preconceito racial no período colonial, aponta para o sucesso da política de assimilação do regime vigente. Desse modo, a troca de interesses entre as autoridades e o assimilado ressalta o oportunismo que cerca a esfera política.

Tanto no período colonial, quando o personagem ainda vive na rural Dala Kaxibo, como após a independência, quando Segunda e sua família se mudam para Luanda, verifica-se que os interesses sociais, políticos e econômicos é que movem determinadas camadas da sociedade; muda-se apenas o contexto.

A relação entre hierarquia social e linguagem indica que uma está diretamente ligada à outra. Quanto mais impecável o português, maior respeito se tem das autoridades e demais pessoas influentes, conforme o pensamento de João Segunda. Assim, a linguagem acaba por definir o grupo social a que pertence o sujeito:

Que lhe vinha na mente a recordação dos anos de infância dele, Hermínio, criança normal, saudável, comunicativa e, por isso, fazedora de amizades. Quando que freqüentava instrução primária, lá em Dala Kaxibo, Hermínio se relacionava muito bem com filhos dos comerciantes mais importantes e até com filho do sô chefe do posto. [...] Quando que mais pequenino tinha correnteza em caudalozas leituras de muita histórias aos quadrinhos, cobiadas, fotonovelas brasileiras. [...] Na escola as professoras lhe assinalavam jeito dele para redigir bem, boas redacções, e se admiravam como um preto podia escrever melhor que um branco e até empregar palavras difíceis¹⁶⁷

¹⁶⁵ LARANJEIRA, José Luís Pires. “A intentona fracassada de 27 de maio de 1977 num romance de Boaventura Cardoso. In: CHAVES, MACEDO, MATA (org.) *Boaventura Cardoso – a escrita em processo*, op. cit., p. 168.

¹⁶⁶ LARANJEIRA, José Luís Pires. “A intentona fracassada de 27 de maio de 1977 num romance de Boaventura Cardoso. In: CHAVES, MACEDO, MATA (org.) *Boaventura Cardoso – a escrita em processo*, op. cit., p. 168.

¹⁶⁷ CARDOSO, Boaventura. *Maio, mês de Maria*. op. cit. p. 85.

Como bom assimilado, que conhece sua língua tradicional, seus costumes e valores, mas acaba por negá-los, o personagem João Segunda reafirma sistematicamente sua condição de superioridade em relação aos demais negros, por saber manusear língua portuguesa com muita destreza. É, portanto, com muito orgulho que Segunda confirma sua condição de assimilado, sempre desvalorizando sua origem:

Apesar de não ter estudado mais do que a 4ª classe, João Segunda nas letras não tinha desconhecimento. [...] Na faladura falada, Segunda que também tinha habilidade dele. Quando estava na prosa com gente da sanzala se comunicava bem em kimbundo e umbundo, com provérbios e anedotas chalaçantes, ou então linguajava pretoguês, que se fazia entender. No meio dos brancos João Segunda que afinava os putu dele, fia da mãe!, donos da língua se conseguiam de lhe imitar? Sabia falar como os brancos de primeira e de segunda, bordava requiebrós nas falas do Minho, da Beira Alta, do Baixo Alentejo, do Algarve, ele que só conhecia a Metrópole no mapa. Então os brancos que lhe falavam assim você é só preto a pele, no coração você é branco como nós, e então ele se ria ridente vaidoso.¹⁶⁸

João Segunda permite-se falar em umbundo e em kimbundo, utilizando-se de provérbios e anedotas, apenas com a gente da sanzala. Entre os brancos, João Segunda rechaçava as características do falar tipicamente africano. Contudo, por mais que tente esconder os rituais e costumes de seu país, acaba por recorrer às tradições em certos momentos. Isso significa que a tradição não foi esquecida, está apenas encoberta por uma fina camada de cultura européia. Ao primeiro sinal de fraqueza, é à tradição africana que Segunda recorre:

Que até ele mesmo João Segunda, civilizado no pensamento e nos modos, quando lhe nasceram os filhos na Dona Zefa, conseguiu fugir na tradição, pagou parteiras, contentou caçadores, kimbandas, serviçais, festas nas sanzalas onde teve de ir, parecia mal barulhar na casa dele, os brancos não iam gostar.¹⁶⁹

A oposição entre civilização e tradição marcada pelo personagem é o que caracteriza suas falas ao longo do texto e é traço fundamental na composição do personagem. Desse modo, o discurso do autor no que se refere à assimilação permeia toda a narrativa, sempre associando essa questão à hierarquia social que caracteriza a formação da sociedade.

¹⁶⁸ CARDOSO, Boaventura. *Maio, mês de Maria*. 1ª Ed. Porto: Campo das letras, 1997, p. 43.

¹⁶⁹ *Ibid.*, p. 38.

Ainda que seja assimilado, a mudança de João Segunda e de sua família do interior para a capital é marcada pelas dificuldades proporcionadas por um violento choque cultural. Luanda, a capital, caracteriza-se por ser um centro cultural híbrido que possui outros códigos, diferentes aos que se habituara Segunda, além de ser o centro político e econômico do país agora independente:

Que João Segunda começou então estava perceber vida em Luanda era realmente difícil, aqui só se vive com esquemas, que não tinha aquelas facilidades de lá em Dala Kaxibo onde era senhor seu dono importante desde o tempo do tuga, apesar de negro.¹⁷⁰

Vale ressaltar aqui que a opinião de Luandino Vieira sobre o romance se encaixa na caracterização do personagem João Segunda que representa a “morte de uma camada social germinada contra natura pelo sistema colonial e incapaz, agora, de se afirmar na independência”.¹⁷¹ Com a independência, João Segunda não goza do prestígio que possuía no tempo colonial em Dala Kaxibo. Sua condição de assimilado não significa que vá obter privilégios no país independente. Muito pelo contrário, a recusa de seus valores e de suas tradições, e o enaltecimento das práticas culturais herdadas do colonizador, colocam-no em uma posição de deslocamento na nova nação, em processo de afirmação de identidade.

Contudo, como todo bom oportunista, logo acha um caminho para reaver seus benefícios e seu status social. João Segunda não tarda encontrar um meio para se restabelecer política, econômica e socialmente.

É através do relacionamento de sua filha, Hortênsia, com o camarada Comandante que João Segunda começa a se integrar à sociedade na capital. Em princípio, mostra-se insatisfeito com o envolvimento da filha com um sujeito de baixa categoria, mal falante do português. Camarada Comandante figurava no hall dos “de origem social não assimilada”¹⁷², qualidade fundamental para o bom caráter de um sujeito, no pensamento de Segunda:

¹⁷⁰ CARDOSO, Boaventura. *Maio, mês de Maria*, op. cit., p. 35.

¹⁷¹ VIEIRA, Luandino. “Nota de Censura Póstuma”. In: *Maio, Mês de Maria*, op. cit., p.10.

¹⁷² MATA, Inocência. “Maio, Mês de Maria: As águas da memória em movimento”. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia; MATA, Inocência (Org.) *Boaventura Cardoso, a escrita em processo*. op. cit., p. 148.

No pensamento dele João Segunda estava pensar assim, estou lixado, olha a besta que Hortênsia foi arranjar, um gajo que nem português sabe falar, que há-de ser de Hortênsia quando as pessoas ouvirem esse gajo falar?¹⁷³

Todavia, aos poucos, corrompido pela ganância econômica e social, João Segunda decide tolerar a educação precária do genro, visando os bons negócios:

O pai passara a falar bem do genro, que era um rapaz simpático, muito prestável, no princípio não acreditava casamento fosse correr bem, simples impressão, agora posso afirmar-vos, meus filhos, estou satisfeito com esse casamento, acho que a vossa irmã está muito bem casada, o camarada Comandante é um homem cheio de dinheiro, não, não digo isto para que pensem que eu vendi a vossa irmã, não senhor, o dinheiro não dá felicidade, mas pode ajudar a tê-la.¹⁷⁴

Caracterizado pelo oportunismo, João Segunda representa a ganância que visa o dinheiro e o poder. Em busca de *status* na sociedade, o personagem muda de opinião e de postura de acordo com o sucesso de suas empreitadas.

Antes de se envolver com o camarada Comandante, Segunda era contra o regime vigente no período pós-independência, era defensor da união entre colônia e metrópole, e da idéia de que antes da independência eram todos irmãos. Era capaz de enumerar os benefícios dos quais ele usufruía no período colonial:

O que é que o actual regime me deu? Nada. Eu que no tempo do tuga já era um grande senhor, o que sou agora? Estou aqui é a perder tempo e dinheiro. Se eu soubesse no que isso ia dar, tinha ido para a Metrópole.[...] Mas que raio de independência é esta que só estabelece a divisão do povo?... Bem que os tuga nos avisaram, vocês depois da independência hão-de se comer uns aos outros. É o que na prática está a acontecer. Uma independência que só trouxe privilégios para uma meia dúzia de pessoas.¹⁷⁵

Nesse trecho o autor chama a atenção para a questão do desmoronamento da utopia construída ao longo do período de lutas de libertação, que dizia respeito à harmonia social e à afirmação da nacionalidade que supostamente surgiria na sequência da independência. A fala de João Segunda, nesse sentido, reflete o sentimento de desencanto proporcionado pela ruína e pela devastação que

¹⁷³ CARDOSO, Boaventura. *Maio, mês de Maria*. op. cit., p. 49.

¹⁷⁴ CARDOSO, Boaventura. *Maio, mês de Maria*, op. cit, p. 58.

¹⁷⁵ Ibid., p. 45-46.

impedem a construção plena da nova nação, como já afirmado por Laura Padilha¹⁷⁶ e também por Inocência Mata, que diz que:

É, assim, possível ler *Maio, Mês de Maria* em articulação com as transformações da história e da sociedade, na medida em que se cruzam no texto referências factuais (de que a nuclear é a do mês de maio de 1977) e ideológicas, de que o primeiro sinal é o tempo de distopia que, dois anos após a Independência, já começava a manifestar-se.¹⁷⁷

Retomando a formulação anterior, observa-se que João Segunda, depois de colher os frutos da amizade com o Comandante, que “já tinha sofrido muito nas matas antes da independência, agora não estava mais disposto a sacrifícios, que o que lhe realmente lhe interessava eram os negócios”¹⁷⁸ (ou seja, exigia eterna gratidão do país e sentia-se no direito de enriquecer às custas de transações suspeitas) muda de opinião a respeito do regime em vigor, uma vez que os benefícios políticos, econômicos e sociais colhidos devido à amizade com o Comandante lhe bastavam para mudar ou calar suas opiniões:

ele que antes contestava a torto e a direito o regime, estava lhe defender fanaticamente, as massas populares, que eram o ponto de partida e de chegada da Revolução.¹⁷⁹

eu não quero saber nada de política. Quero é tratar da minha vida e garantir o vosso futuro. Os políticos são uma cambada de aldrabões e vigaristas. Falam todos em nome do povo, mas dele não querem saber para nada. Que se lixe a política!¹⁸⁰

Afinal,

Que mais lhe interessava eram os negócios que, se corressem bem a política estava de boa saúde, se corressem mal visão dele da política já era outra.¹⁸¹

Como já citado anteriormente, “[...] certas frações da população possuem interesses particulares, que nem sempre coincidem com o interesse nacional”.¹⁸²

¹⁷⁶ PADILHA, Laura Cavalcante. “Jogo de cabra-cega: ficção angolana e desterritorialização”. In: *Novos pactos, outras ficções: ensaios sobre literaturas afro-luso-brasileiras*. op. cit., p. 63-64.

¹⁷⁷ MATA, Inocência. “Maio, Mês de Maria: As águas da memória em movimento”. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia; MATA, Inocência (Org.) *Boaventura Cardoso, a escrita em processo*. op. cit., p. 154.

¹⁷⁸ CARDOSO, Boaventura. *Maio, mês de Maria*. op. cit., p. 60.

¹⁷⁹ Ibid., p. 58.

¹⁸⁰ Ibid., p. 45-46.

¹⁸¹ Ibid., p. 59.

Nesse sentido, os oportunistas se adaptam a qualquer política, a qualquer que seja o governo vigente para continuar a tirar vantagem e viver com privilégios, independentemente da situação do povo e do país. Afinal, “a possibilidade de uma nação independente”, escreve Frantz Fanon, “não lev[a] automaticamente certas camadas da população a renunciarem a seus privilégios ou a seus interesses”.¹⁸³

O empenho de João Segunda não se dá apenas no âmbito econômico. Socialmente, o assimilado busca reaver o prestígio perdido com o fim da colonização e adquirir algum poder diante dos moradores do bairro. Para tanto, com a aprovação prévia do camarada Comandante, candidata-se a alguns cargos no Bairro do Balão, onde vive, em Luanda:

Antes de se manifestar interessado no cargo, consultou camarada Comandante, este falou que sim concordava, apesar daquilo não dar dinheiro nenhum, só chatices, era bom aceites pai, ficas conhecido, passam te convidar nos grandes festas, dás entrevistas, tua cara aparece na televisão, e tens mundo a te cumprimentar com respeitoso [...] camarada Comandante aduziu ainda com a idade do sogro era preciso se ser respeitado e a única forma de se ser alguém é ter um cargo, um título, por mais insignificante que seja, quem tem título, risca no papel, tem assinatura, tem fala dele, isso é o que interessa [...].¹⁸⁴

Verifica-se, desse modo, a importância de um cargo para a obtenção de poder e regalias na sociedade. João Segunda consegue a presidência do Futebol Clube do Balão, da Comissão do Bairro do Balão e do Conselho de Moradores do Prédio do Balão. Apesar de insignificantes em âmbito nacional, os títulos de Segunda lhe conferem prestígio e alguns benefícios, ainda que irrisórios se comparados aos privilégios e ao poder que detém o camarada Comandante.

Na caracterização dos personagens está inserido um discurso crítico do autor que ressalta atitudes como as de Segunda e as do Comandante que apenas contribuem para o atraso no desenvolvimento sócio-econômico do país. Ao dar espaço para corruptos que enriquecem com a política, o país tem que lutar não só contra a destruição provocada pelo colonialismo, mas também contra a nova forma de destruição cultivada pelos gananciosos com a Independência, que ao lutarem pelo poder político e econômico no país, contribuem para o desmoronamento da construção da sonhada nação.

¹⁸² FANON, Frantz. op. cit., p. 169.

¹⁸³ Ibid. p. 170.

¹⁸⁴ CARDOSO, Boaventura. *Maio, mês de Maria*. op. cit., p. 70.

A ascensão política de Segunda, e toda a vaidade que isso implica, acaba por provocar o esquecimento de seus “valores morais e mundividenciais”¹⁸⁵, ou seja, suas conversas com o espírito da falecida esposa D. Zefa, sua frequência na igreja e sua forte conexão com a cabra de estimação, Tulumba, são colocadas em segundo plano.

Todavia, o resgate de seus valores tem início com o desenvolvimento de um grande conflito no Bairro do Balão, que dizia respeito a movimentações de teor político, lideradas por jovens do bairro:

[...] era que se lembrava ter ouvido dizer ele como Presidente do Bairro era primeiro quem que tinha culpa pela confusão, qual confusão?, falaram que tinha muita agitação noturna no Bairro, que constava mesmo é que o Bairro do Balão queria voar liberdades, mas o que é que isso quer dizer, pai?, quer dizer, no entender deles, o Bairro queria se tornar independente!.¹⁸⁶

Nesse episódio, o autor evoca o passado recente do país, através da encenação alegórica da guerra civil ocasionada pelo golpe de Estado mal sucedido liderado por um grupo do MPLA, conhecido como fraccionista.¹⁸⁷

Funcionando como metáfora da cidade, que por sua vez é uma metáfora do país¹⁸⁸, o Bairro do Balão, conhecido como Bê Bê, supostamente abriga jovens envolvidos no desenvolvimento de esquemas políticos, que objetivam requerer a independência do bairro. É assim que, numa referência histórica ao “Bê Ó, isto é, o Bairro Operário, martirizado pelas prisões pós-27 de maio”¹⁸⁹, o autor recria no romance a atmosfera de medo que aterrorizou o Bairro Operário em 77.

No romance, todos os moradores, especialmente os jovens, participantes ativos ou não das supostas movimentações, sofrem consequências, por meio de repressão ostensiva geradora de medo e de desconfiança.

Clima de desconfiança era tão muito grande que as pessoas tinham deixado de aparecer em locais de ajuntamento habitual, estavam recuar na praça, encolhiam passos noturnos, continham penosamente a tradicional incontinência verbosa,

¹⁸⁵ MATA, Inocência. “Maio, Mês de Maria: As águas da memória em movimento”. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia; MATA, Inocência (Org.) *Boaventura Cardoso, a escrita em processo*. op. cit., p. 150.

¹⁸⁶ CARDOSO, Boaventura. *Maio, mês de Maria*. op. cit., p. 84.

¹⁸⁷ MATA, Inocência. “Maio, Mês de Maria: As águas da memória em movimento”. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia; MATA, Inocência (Org.) *Boaventura Cardoso, a escrita em processo*. op. cit., 2005, p. 146.

¹⁸⁸ Ibid., p. 151.

¹⁸⁹ Ibid. 150.

não sei de nada, não vi nem ouvi nada, quem que imaginava nos tempos agora nossos a gente tinha de retrazer memória esquecida do tempo do tuga, vigiar palavra, reaprender a pose estudada na esquina do olhar pidesco? Na cabeça das gentes tinha sequer espaço para ver esse impossível? Silenciar a dor e a raiva era a única forma de assegurar a continuidade da vida embora esse calar pudesse aparentemente significar consentimento.¹⁹⁰

As punições reservadas aos moradores do Bairro do Balão envolvidos nas agitações são aplicadas por meio de uma série de misteriosos e violentos ataques e seqüestros executados “pelos militares, transformados simbolicamente em cães de guerra”¹⁹¹:

Que tinham visto três cães grandes farejarem avidamente em todos os cantos pareciam saber bem o que procuravam nunca tínhamos visto aqueles cães no nosso Bairro, eram bem grandes, sim senhor, desse tamanho mais ou menos metiam medo [...].¹⁹²

O autor, que tem o “fundamento ficcional no chão da história do país”¹⁹³, retrata alegoricamente o passado recente do país: a “perseguição implacável, descontrolada e aniquiladora”¹⁹⁴ que sofreram “os autores, simpatizantes ou simplesmente pessoas com ligações mais estreitas com os envolvidos”¹⁹⁵, resultando na “morte e desaparecimento de milhares de angolanos, muitos dos quais jovens”¹⁹⁶.

No romance, a juventude é representada por Hermínio e outros rapazes bem informados, com ideais políticos demarcados:

– A desigual distribuição das riquezas é uma das principais características das sociedades capitalistas. A insensibilidade e o individualismo ditam o comportamento das pessoas numa sociedade capitalista. Espero que nós, que ainda somos jovens como país, saibamos enveredar firmemente por uma via justa e equilibrada, onde a repartição dos rendimentos se faça de forma eqüitativa – argumentou Hermínio.¹⁹⁷

¹⁹⁰ CARDOSO, Boaventura. *Maio, mês de Maria*, op. cit., p. 84.

¹⁹¹ ABDALA Jr, Benjamin. “Códigos e habitus culturais: a dinâmica do diverso”. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia; MATA, Inocência (Org.) *Boaventura Cardoso, a escrita em processo*. op. cit., p.222.

¹⁹² CARDOSO, Boaventura. *Maio, mês de Maria*. op. cit., 81.

¹⁹³ MATA, Inocência. “Maio, Mês de Maria: As águas da memória em movimento”. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia; MATA, Inocência (Org.) *Boaventura Cardoso, a escrita em processo*. op. cit. p. 150.

¹⁹⁴ Ibid.

¹⁹⁵ Ibid.

¹⁹⁶ Ibid.

¹⁹⁷ CARDOSO, Boaventura. *Maio, mês de Maria*. op. cit., p. 129.

Estes ideais muitas vezes dão início a questionamentos acerca das intermináveis guerras pelo poder e das perspectivas do futuro político do país. Através da construção de diálogos entre João Segunda e Hermínio, o autor recria a atmosfera vivida naquele momento no país. Assim, uma das reflexões levantadas diz respeito à falta de liberdade de expressão no país independente. João Segunda, então, expõe todo seu desencanto com o regime vigente. Por sua vez, Hermínio justifica a situação do país, ressaltando que a existência de inimigos internos e externos que põe em risco a soberania, obriga o governo a tomar precauções: “Com um clima desses é natural que haja policiamento, segurança e controlo”.¹⁹⁸

No universo ficcional criado por Boaventura Cardoso, Hermínio torna-se vítima dos cães assassinos por manter convicções políticas. Seu desaparecimento desperta João Segunda para a necessidade de resgatar seus valores morais, corrompidos pela ganância. Desse modo, devidamente desperto para a realidade, Segunda descobre no camarada Comandante um grande traidor. Digno de pertencer a PIDE em tempos coloniais, o Comandante estava por trás do desaparecimento dos jovens do bairro:

Segunda tinha reparado, apesar de Hermínio evitar ultimamente falar de política com o camarada Comandante, este que lhe provocava sempre habilidosamente, as palavras de engodo. Lhe observando à distancia, lhe fazia lembrar os bufos da PIDE. [...] O camarada Comandante com efeito enganou-me. Além de ser um brutamontes, é um pulha, um tipo sem o mínimo de educação. Isso é uma coisa. Outra coisa, é o tipo parecer-me que te quer ouvir falar de política para depois tramar alguma coisa.¹⁹⁹

Assim, Boaventura Cardoso evoca memórias do passado político-histórico do país, como as conseqüências sanguinárias do fracassado golpe de Estado e o clima de medo que se estabeleceu no país no período posterior à independência. Ao representar alegoricamente as seqüelas desse episódio em seu texto, o autor denuncia esses tempos de desconfiança e de terror, passados vinte anos de seu acontecimento.

Nesse sentido, Inocência Mata afirma que:

Se a história, com disciplina, sendo uma actividade que produz conhecimentos sobre os quais não há nada a fazer, é também um *combate* que faz avançar o

¹⁹⁸ CARDOSO, Boaventura. *Maio, mês de Maria*, op. cit, p. 45-46.

¹⁹⁹ *Ibid.*, p. 111.

conhecimento (Elikia M'Bokolo²⁰⁰), já o discurso sobre o passado, na sua modalidade ficcional, revela que ele, o passado, ainda não foi ultrapassado, mesmo que muitas vezes seja recalcado pela retórica oficial da reconciliação, que, não raro, confunde perdão com esquecimento.²⁰¹

Desse modo, segundo Inocência Mata, o romance de Boaventura Cardoso, ao misturar ficção e a história recente do país, no lugar de querer promover uma reinterpretação desta, sugere sua compensação, à medida que se trata de um período silenciado no relato da nação. Criticamente, representa as experiências sociais subseqüentes ao período colonial, envolvidas pela corrupção moral e pessoal, utilizando-se muitas vezes de alegorias e símbolos.

As alegorias construídas pelo autor, no entanto, podem ser decodificadas “de várias maneiras, adaptando-as aos nossos conhecimentos e às nossas opiniões, associando qualquer profeta e qualquer político por exemplo”²⁰², o que aponta para a ruptura com a “estrutura da alegoria com ‘lição de moral’, dos exemplos óbvios e dirigidos”²⁰³, à medida que a ocultação da mensagem pela utilização de recursos, como o fantástico, por exemplo, oferece ao leitor um espaço maior para o exercício da imaginação, o que de acordo com Francisco Soares, constitui um espaço de manobra que se aparenta com o que “na literatura globalizada, é reservado pela multiplicidade de contextos em que o autor sabe que vai ser lido. A mesma multiplicidade que justifica o glossário final.”²⁰⁴

Nesse sentido, a moderna ficção de Boaventura Cardoso aponta para a transposição de fronteiras projetada pela globalização. No final do romance *Maio, Mês de Maria*, a abordagem das relações de poder e do comportamento da sociedade que, conforme o nome do romance indica, apresenta um viés religioso muito forte, feita através de alegorias associadas ao fantástico, procede ao não-revelamento da mensagem por parte do autor:

²⁰⁰ Professor congolês, em conferência na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em outubro de 1997.

²⁰¹ MATA, Inocência. “Maio, Mês de Maria: As águas da memória em movimento”. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia; MATA, Inocência (Org.) *Boaventura Cardoso, a escrita em processo*. op. cit., p. 151-152.

²⁰² SOARES, Francisco. “A inquietação das águas: um comentário a Mãe, Materno Mar de Boaventura Cardoso”. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia; MATA, Inocência (Org.) *Boaventura Cardoso, a escrita em processo*. op. cit., p. 144.

²⁰³ Ibid.

²⁰⁴ Ibid.

os latidos se tinham deixado de ouvir, mas os cães vinham às centenas, se aproximando [...] De repente, quando que os cães estavam próximo dos quatro homens, a Santa falou assim: VINDE EM PAZ! Que ela falou altissonante! Eh! Eh! Eh! Todo mundo ouviu a Santa falar aquelas santas palavras. Que aconteceu depois foi o extraordinário. Cães começaram estavam se transformar em homens, bons cristãos; corpos jazidos no asfalto estavam se movimentas sozinhos [...] Nossa Senhora de Fátima lá no céu devia estar ver tudo muito contente.²⁰⁵

Desse modo, independentemente da procedência de quem lê, o que o autor sugere é que as significações do texto possam ser atribuídas por leitores de qualquer parte, e não só de Angola. A partir daí, segundo Francisco Soares, pode-se justificar a inclusão de um glossário que oferece uma tradução para o português de termos originários do quimbundo empregados nessas obras da virada do século XX²⁰⁶.

Sob essa perspectiva, verifica-se que o estabelecimento da literatura do país, o crescimento do número de escritores e de obras publicadas²⁰⁷ e o crescente sentimento de nação, associados ao desenvolvimento de projetos que visam intensificar intercâmbios culturais entre diversos países permite ao escritor esse tipo de ação, sem que isso levante polêmicas que ponham em dúvida a identidade do país.

Vale ressaltar que durante o período da afirmação da literatura angolana, a inserção de um glossário ao final do texto poderia ser uma questão polêmica. Essa ação poderia sugerir que o povo angolano não reconheceria suas línguas e que por isso precisaria de auxílio para compreendê-las, confirmando, assim, a noção de que eram estrangeiros em seu próprio país. Idéia, no entanto, refutada por Boaventura Cardoso, que à época respondeu que Angola é composta por várias regiões culturais, cada uma com seus provérbios, seus costumes e suas expressões e que, portanto, o glossário seria apenas uma forma de permitir que todos os leitores do país pudessem ter acesso aos significados dos termos e provérbios utilizados no texto.²⁰⁸

Assim, observa-se a mudança de postura do escritor. Enquanto no final da década de 70 e início de 80 direcionava seus textos para o povo angolano, no final

²⁰⁵ CARDOSO, Boaventura. *Maio, mês de Maria*. op. cit., p. 227-228.

²⁰⁶ SOARES, Francisco. "A inquietação das águas: um comentário a Mãe, Materno Mar de Boaventura Cardoso". In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia; MATA, Inocência (Org.) *Boaventura Cardoso, a escrita em processo*, op. cit., p. 144.

²⁰⁷ CARDOSO, Boaventura. "Entrevista". In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia; MATA, Inocência (Org.) *Boaventura Cardoso, a escrita em processo*. op. cit., p. 35.

²⁰⁸ LABAN, Michel (org.). "Encontro com Boaventura Cardoso (21-04-1988)". op. cit., p. 826.

da década de 90 e início de 2000, com as transformações que aos poucos foram se estabelecendo, passa a perceber o pluriculturalismo no nível internacional. Enquanto na época da escrita de *Dizanga Dia Muenhu*, de 1977, ou de *O fogo da fala*, de 1980, o escritor reporta-se às múltiplas regiões culturais referindo-se à pluralidade existente em seu país, em sua moderna ficção, percebe-se que a noção de pluriculturalismo diz respeito à diversidade cultural do mundo.

4.2.1

A arte de conquistar seguidores, a arte de enfeitiçar multidões.²⁰⁹

O crescimento do número de movimentos religiosos e do número de adeptos a essas novas religiões vem sendo observado, segundo Carmem Lúcia Ribeiro Secco, desde os anos 80, não só em Angola, mas também em outras regiões da África, da América Latina e de outras áreas denominadas “Terceiro Mundo”. De acordo com a pesquisadora,

As promessas de cura e os milagres são algumas das razões da célere conversão de inúmeros fiéis a essas religiões, a maioria delas evangélicas, pentecostais, cujas doutrinas e práticas, por inserirem a dimensão do sagrado no dia a dia do povo, encontram ressonância em pessoas, na maior parte das vezes, carentes, desprovidas não só de alimento, saúde, moradia, emprego, mas de sentimentos, afectos, sonhos e projectos para suas vidas.²¹⁰

Sob essa perspectiva, a destruição e o atraso no desenvolvimento sócio-econômico de Angola, proporcionados pela política colonialista e pelas guerras civis do período pós-independência, podem justificar parcialmente a adesão de certas camadas da população aos novos movimentos religiosos crescentes no país.

A situação calamitosa em que se encontra a nova nação, o desespero provocado pela destruição e pela miséria resultantes dos conflitos internos do país, bem como a influência e o poder exercido pelos líderes religiosos, que se

²⁰⁹ “a arte de conquista seguidores mostra-se também como a arte de enfeitiçar multidões”, trecho do texto de FONSECA, Maria Nazareth Soares da. “Processos narrativos e recriações linguageiras na obra de Boaventura Cardoso”. In: CHAVES; MACEDO; MATA, *Boaventura Cardoso: a escrita em processo*. op. cit., p. 104.

²¹⁰ SECCO, Carmem Lúcia Tindó Ribeiro. “Entre mar e terra: uma polifônica viagem pelo universo “mágico-religioso” de Angola”. *Prefácio*. In: CARDOSO, Boaventura. *Mãe, materno mar*, op. cit., p. 13.

autodenominam profetas e que agem como milagreiros e curandeiros, sobre extratos sociais nutridos pela falta de esperança, são algumas das críticas propostas por Boaventura Cardoso no romance *Mãe, Materno Mar*. Com esse texto, o autor procura denunciar alguns dos fatores que contribuem para a miséria do povo e para o lento restabelecimento da estrutura do país.

No romance, o sincretismo religioso existente na região, representado pela mistura dos diferentes “costumes, ritos, mitos e religiosidades”²¹¹ das diferentes regiões culturais de Angola com símbolos do cristianismo, resulta numa leitura crítica das mudanças ocorridas no país no que diz respeito às relações mantidas entre política e religião:

[...] essas igrejas surgidas, em sua maioria, após a Independência, a par de continuarem a expressar traços identitários da cultura angolana, se tornaram, em vários aspectos, conservadoras e corruptas, a serviço de oportunistas profetas.²¹²

Verifica-se que a união do imaginário afro a doutrinas evangélicas (cânticos e batuques em kimbundo e kikongo, bíblia, santos, crucifixo) funciona não como uma forma de resgatar e manter os tradicionais ritos e religiosidades característicos dos povos africanos, mas sim como um meio de atrair mais fiéis e disseminar com mais rapidez essas diversas igrejas, cujos líderes visam, principalmente, à ascensão sócio-econômica.

Nessa narrativa ficcional, o autor atenta para a representação social desses pastores; dos fiéis, sem os quais esses gananciosos não poderiam agir; e das autoridades, veículos que autorizam a proliferação desses movimentos e que, certamente, retiram uma parcela lucrativa desse processo.

Verifica-se, portanto, a atuação dos profetas em conjunto com as autoridades políticas, com o objetivo comum de enriquecer, mais uma vez, às custas do povo, como Boaventura Cardoso já denunciou criticamente em *Maio, Mês de Maria*, através da construção do personagem camarada Comandante que “já tinha sofrido muito nas matas antes da independência, agora não estava mais disposto a sacrifícios, que o que lhe realmente lhe interessava eram os

²¹¹ SECCO, Carmem Lúcia Tindó Ribeiro. “Entre mar e terra: uma polifônica viagem pelo universo “mágico-religioso” de Angola”. *Prefácio*. In: CARDOSO, Boaventura. *Mãe, materno mar*, op. cit., p. 14.

²¹² Ibid. p. 15.

negócios”²¹³. Afinal, questiona-se: “é ser contra-revolucionário gostar de dinheiro, viver bem?” Ao que se responde prontamente, “os verdadeiros revolucionários são aqueles que querem o bem para toda a sociedade e não apenas para si [...]”.²¹⁴

Partindo da mesma premissa do camarada Comandante, de *Maio, Mês de Maria*, mas agora num viés que toma a religiosidade como forma de enriquecimento, muitas vezes lícito, uma vez que muitas dessas religiões são reconhecidas pelo Estado, o romance *Mãe, Materno Mar*, narra a viagem de Manecas, de Malange a Luanda, num comboio que dura mais de dez anos devido a inúmeras interrupções provocadas por imprevistos mecânicos de demorado conserto, o que já de início denuncia a deficiência da infra-estrutura do país – “Seis meses, e não oito dias, foi o tempo que durou a revisão à locomotiva” – ou por atos de sabotagem, hipótese através da qual o autor ressalta a situação política conflituosa de Angola:

Uma hora depois de ter chegado a Cacuso, o comboio continuava imobilizado. [...] Se começou a falar que era uma grande avaria, que se tinha partido uma peça da locomotiva, que isso era muito raro acontecer, que devia de ser um puro acto de sabotagem.²¹⁵

Comboio se imobilizara de novo, desta feita não numa estação, mas em plena mata, entre Canhoca e Luinha. Não se tratava agora de nenhuma avaria na locomotiva, mas de uma avaria na própria via, os carros e as travessas tinham sido removidos, completamente desconjuntados ao longo de muitos quilômetros, pelo menos até Zenza do Itombe, donde partira a notícia via telegráfica. Que não se dizia, mas toda a gente pressentia, tinha sido sabotagem.²¹⁶

Estas inesperadas paradas, que se revelam longas estadias em estações férreas em condições precárias; em zonas rurais pobres sem infra-estrutura; ou ainda no meio do mato perigoso, anunciam o início dos conflitos entre os viajantes:

Pela manhã os passageiros foram acordando com a luz do dia e o chilreio de os muitos pássaros. Foram descendo das carruagens e inspeccionando o local em que se encontravam. À pouca distância da linha férrea a vegetação se adensava para se transformar numa mata cerrada, os verdes capins ainda aljofarados. Não tinha ali nada que assinalasse presença humana, uma sanzala perdida naquela imensidão verde, uma estrada onde se pudesse ver gente e carros passar, os

²¹³ CARDOSO, Boaventura. *Maio, mês de Maria*. op. cit., p. 60.

²¹⁴ Ibid.

²¹⁵ CARDOSO, Boaventura. *Mãe, materno mar*. op. cit., p. 40.

²¹⁶ Ibid., p. 135.

caminhos, caminhantes que pudessem dar informações sobre aquele sítio [...] Alguns passageiros quiseram se aventurar a explorar a linha férrea, mas foram logo desaconselhados pelos maquinistas, a via podia ter sido minada. O fogo que te aquece pode te queimar!”²¹⁷

Vale ressaltar que, no trecho acima, há uma interrupção no tom descritivo da voz do narrador por um provérbio tradicional africano. Mais que transmitir uma lição de moral, que reflete sobre a intensidade do fogo, que pode tanto aquecer como queimar, como é o caso da mina, o autor busca reafirmar a presença da tradição no cotidiano social angolano.

A presença da tradição no dia-a-dia do povo, no entanto, pouco consegue amenizar os conflitos entre os passageiros. A sabedoria de Ti Lucas – “Somos irmãos, e de mãos dadas temos de caminhar juntos nesta nossa passagem pela Terra”²¹⁸ – pode causar admiração, mas surte pouco efeito nas atitudes dos viajantes. A convivência forçada entre pessoas de diferentes camadas sociais, mas, principalmente, entre pessoas da mesma classe social, caracterizadas, sobretudo, pela pobreza e marginalização, acabam por gerar grande desordem:

Que então se passou, foi assim, um operário, manifestamente ébrio, teimou em se sentar no colo de uma passageira que viajava na segunda classe, pela aparência uma respeitável senhora dona, marido dela reagiu logo lhe dando na cara, no que foi ainda secundado por outros senhores. Pouco tempo depois, quando os ânimos dos passageiros da segunda classe estavam ainda exaltados, vieram outros operários se solidarizar com o colega agredido, e então a confusão se generalizou na carruagem [...] e a confusão foi se alastrando até as últimas carruagens, ai! tatório! Que a maioria não sabia ao certo o motivo daquela luta generalizada, que estavam falar uns que alguém tinha agredido um dos operários e os outros não gostaram, reagiram, que os operários estavam bêbedos e faltaram respeito nas senhoras [...] Dois rapazes da terceira classe se movimentaram até a segunda e, aproveitando toda aquela boa confusão, assaltaram ainda três senhoras e roubaram-lhe o ouro que ostentavam, brincos, fios e pulseiras, agarrem! agarrem! agarrem os gatunos! [...] Na carruagem em que estava a família da noiva [na primeira classe] não houve praticamente confusão nenhuma, porque os cavalheiros, tendo-se apercebido da luta, barraram as entradas da carruagem.²¹⁹

Os crescentes desentendimentos gerados pela convivência obrigatória entre esses passageiros, que resultam em lutas, assaltos e mortes, dão início às manifestações por parte dos profetas das diversas igrejas, o que, por sua vez evidencia a rivalidade existente entre os líderes religiosos. Rivalidade esta

²¹⁷ Ibid., p. 137.

²¹⁸ CARDOSO, Boaventura. *Mãe, materno mar*, op. cit, p. 60.

²¹⁹ Ibid., p. 47-49.

fundamentada geralmente nos interesses econômicos, um dos poucos pontos em comum entre as igrejas:

Um dos mortos pertencia à Igreja do Bom Pastor cujo pasto não se dava com o da Igreja de Jesus Cristo Negro, a que pertencia o segundo morto. Questões de família, tinham se zangado por desavenças na partilha de heranças.²²⁰

Um outro defunto era da Igreja do Profeta Simon Ntangu Antonio originária de uma região fronteiriça de donde nascera a Igreja de Jesus Cristo Salvador de Angola. Eram duas regiões em que durante anos nunca tinha tido nenhum problema, a paz era sossegada até ao dia em que se começou a falar que nos terrenos vizinhos tinha petróleo. Ih!.²²¹

O desespero proporcionado por essas longas paradas que atrasam compromissos, tais como um casamento, a procura por um emprego, uma reunião de negócios, além da espera e do tédio a que são submetidos os passageiros do comboio, constituem um quadro bastante favorável para o aumento do rebanho desses pastores. A oportunidade de recrutar fiéis, no entanto, encontra obstáculos, já que o grande número de pastores, de religiões distintas, tem a mesma missão: recrutar fiéis; situação que faz surgir a rivalidade também entre os fiéis:

[...] os fiéis da Igreja do Profeta começaram a agredir os da igreja adversária, as bíblias, os hinários e alguns batuques estavam no chão, os homens lutavam aos socos e aos pontapés, um rapaz estendido no chão com a cabeça a sangrar estava a ser pisado por dois homens, uma mulher puxava a outra pelas tranças, ai, ai, ai não sueu quem que roubou no bastão do Profeta!²²²

Tendo como mote a violência proporcionada pela rivalidade entre os fiéis e entre os pastores, o autor assinala a profusão de templos evangélicos em Angola – Igreja do Bom Pastor, Igreja de Jesus Cristo Negro, Igreja do Profeta Simon Ntangu Antonio, Igreja de Jesus Cristo Salvador de Angola, anunciando criticamente o objetivo que motiva o crescimento desse *ramo*: o enriquecimento através da fé dos desesperados e dos desfavorecidos. Como afirma Carmem Lúcia Ribeiro Secco, “a voz narradora, sempre atenta, tece críticas a esses movimentos

²²⁰ Ibid., p. 51.

²²¹ CARDOSO, Boaventura. *Mãe, materno mar*. op, cit, p. 51.

²²² Ibid., p. 15.

proféticos, comentando ironicamente que Simon Ntangu retornara porque ‘a evangelização era uma chuva que chovia bem’²²³.

Dentre os artifícios utilizados pelos pastores para angariar fiéis, o dom da oratória é bastante representativo da falsidade que envolve essas igrejas. Em certo episódio, que dá conta de uma reunião entre os pastores, a pauta de discussão é composta pelos seguintes tópicos: “quemalaria em primeiro lugar, que passagens da Bíblia deveriam ser sublinhadas, qual a entonação que deveriam usar para exaltar e comover os fiéis, como fazer chorar o auditório”.²²⁴

Fragilizado pelo contexto de guerras e miséria, o país, como ressaltado anteriormente, é mais suscetível à expansão de movimentos evangélicos e pentecostais, que encontram nesse povo carente emocional e materialmente lacunas a serem preenchidas:

os messianismos africanos aumentaram em número, aliás tal como se verifica igualmente noutras partes do continente, como resposta social e emocional ao vazio criado pela desordem das estruturas sociais tradicionais e forma de escapar à dimensão política da primeira República, de certo modo confundida com a guerra civil, e todo tipo de desgraças que estão por trás desta (deslocados, desagregação familiar, má nutrição, fome, doença, morte).²²⁵

Além do dom da oratória, no entanto, recursos atuais ligados ao desenvolvimento econômico mundial refletem-se na religiosidade, como mais uma forma de atrair ou manter a população com uma vida religiosa ativa, colaborando freqüentemente com dízimos: “que o pastor andava mazé a por dinheiro nos bolsos dele, que se via os ouros que ele usava, que ele tinha muito dinheiro a custa da fé dos outros”.²²⁶ Independentemente do credo religioso, uma das características da contemporaneidade é o desenvolvimento tecnológico, que pode ser aplicado em diversos meios, entre eles, o religioso.

Atualmente, até mesmo as barreiras físicas começam a ser superadas. Os fiéis que não tem condições de viajar até o Santuário de Aparecida podem pagar suas

²²³ SECCO, Carmem Lúcia Tindó Ribeiro. “Entre mar e terra: uma polifônica viagem pelo universo ‘mágico-religioso’ de Angola”. (Prefácio). In: CARDOSO, Boaventura. *Mãe, materno mar*. op. cit., p. 12.

²²⁴ CARDOSO, Boaventura. *Mãe, materno mar*. op. cit., p. 210.

²²⁵ SECCO, Carmem Lúcia Tindó Ribeiro. “A alquimia do verbo e reinvenção do sagrado”. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia; MATA, Inocência (Org.) *Boaventura Cardoso, a escrita em processo*. op. cit., p. 117 *apud* COELHO, Virgílio, *Angola e as religiões: uma visão social*, 1999, p. 384.

²²⁶ CARDOSO, Boaventura. *Mãe, materno mar*. op. cit., p. 96-97.

promessas e pedir novas graças via internet. No site da basílica, eles acendem suas velas virtuais e acompanham durante sete dias a progressiva “combustão”. E o mesmo fenômeno se espalha por outros templos.²²⁷

No romance, o progresso tecnológico, como marca da contemporaneidade, é aplicado como mais uma forma de atrair fiéis desesperados, para os quais tudo, até mesmo fenômenos da natureza, passa a ser visto como sinal de milagre: “uma chuva miudinha começou a cair quando menos se esperava [...] Para aquela impressionante multidão esse fora o primeiro sinal de que Luanda estava a partir de então sob a influencia do Profeta”.²²⁸

Em determinado episódio, evidencia-se que o uso da internet pelo profeta torna-se um veículo de comunicação muito proveitoso, à medida que o permite disseminar cultos e eventos da sua igreja, além de vender consultas a altas individualidades que se dispõe a pagar fortunas por um encontro com o Profeta, o que torna suspeito o teor dos encontros promovidos entre eles:

Um Falcon 50, a bordo do qual viajava uma alta individualidade, estava prestes a aterrar! [...] Eu sei que ele acaba de chegar neste momento a Luanda. Aliás, ainda há pouco estive a conversar com ele online. Eu pago tudo o que for necessário, mas não posso regressar sem que ele me veja! Para além disso, meu caro irmão, nunca me esquecerei de si. Entende?!²²⁹

Percebe-se neste trecho que a finalização do diálogo com a expressão “Entende?!” insinua que além de um negócio já efetivado, negociações futuras ainda podem surgir, o que, de fato, é de interesse do Profeta. Afinal, a motivação do pastor em cumprir a “nobre missão de evangelização em nome de Deus”²³⁰ gira em torno do dinheiro: “tinha as roupas todas encharcadas, mas conservava enxutos a bíblia sagrada, a sua maleta de mão e o bastão, auá! Os outros chefes religiosos também não tinham grandes razões de queixa, tinham as notinhas secas”.²³¹ Verifica-se que o tom adotado na escrita resulta numa crítica bastante

²²⁷ FARIAS, Juliana Barreto. “A fé não costuma falhar”. In: *Ex-votos – milagres da fé. (Revista de história da Biblioteca Nacional)*. Ano 4, nº 41, fevereiro de 2009, p. 28.

²²⁸ CARDOSO, Boaventura. *Mãe, materno mar*. op. cit. p. 276.

²²⁹ Ibid. p. 285-286.

²³⁰ Ibid. p. 178.

²³¹ Ibid. p. 221.

irônica através da qual a voz narradora vai aos poucos “delatando o fanatismo, a devassidão, o suborno, o luxo e as riquezas acumuladas pelo profeta”.²³²

O resultado da pregação realizada durante todo o percurso do comboio é revelado, ao final do romance, num episódio que registra um grande evento realizado numa praça de Luanda. Nesse evento religioso registra-se a consolidação da mídia como um dos recursos da fé:

misturando-se com outras manifestações da religiosidade e à alucinação que os *mídia* propagam, a arte de conquistar seguidores mostra-se também como a arte de enfeitiçar multidões, característica dos recursos tecnológicos que invadem o mundo atual.²³³

Assim, em *Mãe, Materno Mar* são ressaltados três mecanismos de que se valem essas novas igrejas com o intuito de atrair fiéis: o afiado dom da oratória, o resgate de aspectos da tradição africana e, por último, a utilização de novas tecnologias, o que atribui ao romance um teor crítico relativo às transformações econômicas observadas no mundo, uma vez que ao serem aplicadas por falsos profetas em regiões desfavorecidas, esse progresso tecnológico funciona como um obstáculo para o desenvolvimento da sociedade.

O fortalecimento dessas igrejas ao “se valerem de estratégias, como os mídia e os meios electrónicos, adoptando comportamentos modernos em consonância com as transformações sociais impostas pela nova política económica mundial”²³⁴, contribui para a disseminação e para o surgimento de novas igrejas, cuja intenção é manipular o povo tendo em vista o dinheiro e o poder.

A partir da visão crítica do autor em relação ao fanatismo religioso, ao desencanto, à fome, à miséria e à deterioração social dominantes, pode-se perguntar em que medida o desenvolvimento tecnológico impulsionado pela nova economia mundial contribui para o desenvolvimento e para a reestruturação política, econômica e social de países fragilizados por guerras, fome e miséria.

²³² SECCO, Carmem Lúcia Tindó Ribeiro. “Entre mar e terra: uma polifônica viagem pelo universo ‘mágico-religioso’ de Angola”. *Prefácio*. In: CARDOSO, Boaventura. *Mãe, materno mar*. op. cit., p. 29.

²³³ FONSECA, Maria Nazareth Soares da. “Processos narrativos e recriações languageiras na obra de Boaventura Cardoso”. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia; MATA, Inocência. *Boaventura Cardoso: a escrita em processo*. op. cit. p. 104.

²³⁴ SECCO, Carmem Lúcia Tindó Ribeiro. “Entre mar e terra: uma polifônica viagem pelo universo ‘mágico-religioso’ de Angola”. *Prefácio*. In: CARDOSO, Boaventura. *Mãe, materno mar*. op. cit., p. 14.